



Memória e representação do jornalismo brasileiro: o caso do selo postal¹

Diego SALCEDO²;
Adriana SANTANA³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, UFPE

Resumo - Este trabalho analisa a forma com a qual o selo postal contribui à construção da representação da atividade jornalística: o selo postal. Leva-se em conta, para isso, a concepção deste objeto como mídia, e sua estreita relação com a imprensa. O escopo temporal do corpus parte de selos emitidos com menção ao jornalismo no século 20, no Brasil. Por intermédio da correlação dos temas e personalidades estampados nos elos com o contexto histórico, chegou-se à consideração de que a imagem da atividade jornalística construída pelos selos remete não apenas a grandes vultos, como também faz clara associação com o ideário de jornalismo combativo e voltado a grandes causas sociais.

Palavras-chave: Jornalismo; Selos Postais; Memória; Representação Social

Introdução

A construção da representação do Jornalismo é feita a partir de um conjunto de aparatos institucionalizados, em diversos e distintos formatos. É pertinente considerar que essa representação é formada tanto pela práxis jornalística, propriamente dita, quanto pelas formas com que atores sociais externos a essa prática, como, por exemplo, o Estado, constroem uma imagem do Jornalismo. Ao considerar esse enfoque, o selo postal é entendido como um dos aparatos que contribuem para essa construção.

Este trabalho traz como peculiaridade a utilização do selo postal enquanto objeto de análise. Para esta escolha, foi levado em consideração o fato de que os estudos e análises acerca da representação jornalística têm sido comumente realizados com base em suportes tradicionais à Academia, tais como: matérias de jornal, estudos de audiência, auto-representações (entendimentos outorgados pelos atores do próprio campo) e novas tecnologias de comunicação (em particular, a Internet).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. Email: w159444x@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. Email: adriana.andrade.santana@gmail.com



Sendo assim, a justificativa dessa escolha - de fato, desafiadora -, leva em consideração o entendimento do selo postal enquanto mídia. Além disso, é um objeto ainda incipiente nos estudos em Comunicação, particularmente no Brasil (SALCEDO, 2010).

Selos para jornais

A relação entre jornais e selos, apesar da aparente dissociação, não é apenas evidente através das emissões que remetem à imprensa (selos com estampas de jornalistas e veículos de comunicação, como veremos adiante), bem como remonta à própria origem do selo postal. O primeiro selo postal utilizado em jornais, de que se tem registro, foi emitido pelo governo austríaco, em 1851, justamente com a finalidade específica de portear jornais e periódicos (MACHADO; QUEIROZ, 1994).

De acordo com Meyer (2008), é criado em 1846 o selo inclinado de 10 réis (figura 1), utilizado para portear jornais, ou seja, autorizar oficialmente a sua circulação. Eram selos de uso exclusivo dos editores e jornalistas. Os selos de jornais foram sobretaxados em 1898/99 e passaram a ser selos regulares⁴. Em 1894 foram extintos. Os selos para Jornais, utilizados no Brasil imperial, destinados apenas para a remessa de periódicos por parte dos editores, foram pouco utilizados. Uma grande quantidade destes selos foi descartada.

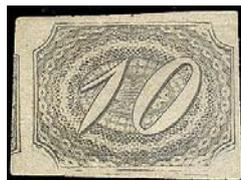


Figura 1 - Selo postal brasileiro do tipo “Inclinado”: 1846.

Na época, o Correio tentou vendê-los a filatelistas, ao valor filatélico da época (acima do valor facial). Não tendo sido bem sucedido, a instituição optou em transformar esta emissão (para Jornais) em selos regulares. De que forma? Mediante a aplicação de uma sobrestampa com um novo valor.

Surgiram, desta forma, os selos regulares de 114 até 124 (os Jornais de 1889 sobrestampados). Em vista da urgência na circulação destes selos, foi entregue uma parte à tipografia de João Guimarães, do Rio de Janeiro, firma esta que, aliás, também

⁴ Existem variadas tipologias de selos postais.



foi fornecedora de carimbos. A outra ficou a cargo da oficina tipográfica da Diretoria Geral dos Correios. O Relatório, a seguir, especifica a emissão desse tipo de selo postal.

Os selos sobretaxados, de acordo com a autorização contida no aviso n. 164 do Ministério da Indústria de 17 de Maio e nos editais dessa Diretoria de 29 de Setembro, 28 de Outubro, 12 e 28 de Novembro, e 7 e 29 de Dezembro, foram postos à venda nesta Administração no prazo marcado no artigo 23 do regulamento, conforme os referidos editais.” “Quanto à venda dessas fórmulas de franquia, nada houve de anormal, com exceção dos selos de 100/50 réis de que trata o edital de 12 de Novembro, os quais, postos à venda, foram imediatamente comprados, ficando esta Administração privada de atender à grande procura dos mesmos por filatelistas, porque só obteve fornecimento de 2.000 exemplares dos 39.980 recolhidos ao cofre, dos quais foram vendidos a Alphonse Bruck 25.000, ao Dr. Rodrigo Octávio 400, a Guilherme Antonio dos Santos 80, sendo 11.000 vendidos pelas outras administrações por ocasião de não poder ser atendido outro pedido que posteriormente dirigiu à Diretoria. (MEYER, 2009)

Estes selos de jornais sobretaxados foram desmonetizados em 30 de dezembro de 1915. Estes selos podem ser encontrados novos, carimbados e com obliteração manuscrita a lápis ou tinta (do refugio postal, cedido aos filatelistas). Naquele momento histórico, alguns filatelistas revoltados criticaram essa emissão, pois surgiram diversas variedades na sobrestampa. Os catálogos de selos postais - tanto brasileiros quanto internacionais - registram essas variedades.



Figura 2 - Jornal do Império brasileiro sobrestampado (200 sobre 100 réis).

Memória

Um dos fenômenos mais surpreendentes do final do século XX e início do século XXI é o crescimento progressivo das questões sobre a memória como uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais. De fato, parece que se está tentando de forma inconsciente, no âmbito coletivo, construir uma estrutura mnemônica inserida numa temporalidade atual. De certo modo, uma mesma estrutura que não foi experimentada em tempos passados. A questão da memória tem sido a grande obsessão político-cultural do século vigente.



Por outro lado, deve-se reconhecer que ao mesmo tempo em que os discursos sobre a memória possam parecer um fenômeno “mundializado”,⁵ de certo modo, permanecem conectados ao núcleo da memória individual de pessoas e regiões geográficas politicamente divididas. Esse processo encontra reforço quando Gagnebin (2003, p. 35) afirma que:

Existe, hoje, uma grande preocupação com a questão da memória: assistimos a um boom de estudos sobre memória, desmemória, resgate, tradições [...] Na história, educação, filosofia, psicologia, o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria, assim, em preservá-la, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vida, falas e imagens.

Inúmeros são os estudos sobre a memória, no sentido que interessa aos trabalhos em andamento. Não serão levados em conta, *a priori*, os trabalhos sobre a memória do ponto de vista das ciências cognitivas, da computação, psicologia ou arquitetura. Embora relevantes, ocupam no momento um segundo plano nas leituras realizadas até então. O foco está na adoção do conceito de memória relacionado aos estudos que têm como foco a elaboração de uma história do jornalismo brasileiro, especificamente, a partir de sua representação por meio de selos postais emitidos desde os tempos imperiais.

A partir desse ponto de vista vamos direcionar este estudo não entre as questões teóricas que associam os estudos mnemônicos aos aparatos midiáticos, mas àqueles que põem em relevo a História do Jornalismo, ou a construção de sua arqueologia (FOUCAULT, 2000) enquanto um sistema de comunicação social. Isso pode ser justificado a partir da afirmação de Barbosa (2005, p. 111):

Gostaria de chamar a atenção para a importância de se debruçar sobre o passado, para reconstruir a história dos meios impressos. Certamente, como disse Robert Darnton (1990), os impressos têm uma história, ainda que não haja muitos historiadores dispostos a estudá-la. Passados mais de dez anos dessa assertiva, ela permanece atual.

Salcedo (2008) coloca que um passado que possui estreita relação com o presente e participa da construção do futuro é uma idéia constante e ativa. Este mesmo passado que clama por esforços em vista de ser desvendado, revelado e disseminado, reserva intrigantes e instigantes surpresas. Segundo essa asserção, é imperativo e

⁵

Conceito extraído de Armand Mattelart, 2005.



relevante que toda e qualquer ferramenta disponível seja utilizada para contribuir, cada qual à sua forma, no desenvolvimento de modelos de divulgação histórica.

Dentre as diversas tipologias documentais pode-se encontrar a documentação filatélica, especificamente, o selo postal. O que afirmar de tão lúdica e rica fonte de informação? Este pequeno pedaço de papel, indiferente às diversas formas como se apresenta, e aos suportes aos quais é agregado, elimina distâncias, preserva na forma de texto e imagem, com criatividade, uma possível história da humanidade. Conforme atesta Eco (2004) sobre a filatelia, em obra ficcional que tem a memória como fio condutor:

Viajava pelo vasto mundo – naqueles anos em que estávamos como que contidos por barreiras intransponíveis, espremidos entre dois exércitos em luta [*confrontos travados na Segunda Guerra Mundial, no front italiano*] – só através de selos. Até mesmo os contatos ferroviários estavam interrompidos, talvez só se pudesse ir e Solara à cidade de bicicleta, e eu transvoava do Vaticano a Porto Rico, da China a Andorra. ” (ECO, 2004, p.256).

Resgata, pois, na forma de documento, as pessoas conforme as bibliografias filatélicas, fatos, eventos, processos e o tempo, de forma geral, corroborando com um elo entre o humano, sua história e o conhecimento político, econômico, social e cultural. Para muitos, os ‘embaixadores de papel’ são vistos como um pequeno pedaço de papel gomado ou não, ilustrado, todavia, insignificante. Depois de alguma vivência se percebe como o cotidiano pode causar uma ‘cegueira parcial’ nas pessoas.

É como tratar com cédulas⁶ ou dinheiro corrente e não parar para tentar ler os símbolos ali registrados, mesmo quando se espera por mais de quinze minutos na fila de um banco. Ler o mundo no sentido de emancipar o intelecto é, com certeza, uma das maiores dificuldades do indivíduo deste século. O selo postal não faz parte, unicamente, do acervo de filatelistas, colecionadores e comerciantes. Faz parte também, e é peça fundamental, do processo de discernimento sobre a cultura material humana. O seu conteúdo simbólico representa informação de potencial relevância ao desenvolvimento de narrativas históricas.

Esse pequeno documento pode ajudar a propagar ideologias dominadoras, discursos nacionalistas, imperialistas e características de um patriarcado. Sendo assim, cabe a possibilidade de propor uma relevância quando da utilização da documentação filatélica como fonte de informação documental. Apontam-se alguns caminhos passíveis

⁶ O estudo de cédulas e moedas se denomina Numismática.



com relação à representação imagética contido nesse tipo de documento, o qual serve como espelho para a construção de identidades, discursos e narrativas. A imagem do selo postal, ora um artefato individual, ora parte integrante de um acervo filatélico, expressa diversidade social.

De fato, exhibe uma pluralidade multifacetada humana, capaz de alcançar qualquer camada social. A análise crítica desse artefato tanto serve para estabelecer um contraponto em relação ao processo histórico exclusivo de um único sujeito, como para abrir as portas a um processo de produção de sentido dinâmico e de múltiplas dimensões. A memória social pode ser elaborada, utilizando-se o selo postal como ferramenta imagético-simbólica. Gomes (1982, *apud*, SALCEDO, 2006, p. 110) lembra que

Entende-se, ainda, que o Arquivo [estrutura física] é uma instituição, elemento de uma estrutura social que reflete a cultura que a gerou e, que por outro lado, atua em retorno veiculando seus valores, crenças e padrões, contribuindo para preservação e disseminação da própria cultura.

Dessa assertiva é possível explorar o fato de no Brasil serem produzidos anualmente (desde 1843) documentos filatélicos dos mais diversos. A representação cultural brasileira através das emissões filatélicas, tanto no cenário nacional como internacional, conferem a estes documentos um valor econômico, publicitário e social.

Jornalismo nos selos

De modo a observar de que maneira a atividade jornalística tem sido representada nos selos postais emitidos pelo Governo Brasileiro, este trabalho fez o levantamento de imagens estampadas em selos, no Brasil, ao longo do século 20. O critério de escolha do corpus foi o de identificar as estampas que fizessem menção ao jornalismo, à profissão, profissionais da imprensa e veículos de comunicação.

As imagens também serão analisadas à luz das representações sociais, partindo do pressuposto de que a representação, e a própria idéia de senso-comum, configuram-se como teorias internalizadas que têm como propósito organizar a realidade (LEME, 1993).

Assim, trataremos essas representações do jornalismo no selo postal como parte constituinte dessa forma de organização - que, a exemplo de todas as tentativas de definições e nomeações - têm por finalidade “tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI, 2003, p. 54). Entendemos que é através



desse ato de nomear e classificar algo, por conseguinte, que são reveladas as teorias “da sociedade e da natureza humana” (p.62).

No processo de construção do *corpus*, optou-se pelo recorte aos selos do tipo comemorativos emitidos no século 20, no Brasil. Com a utilização do Catálogo Brasileiro de Selos Postais foram identificados 23 selos que se encaixavam nessas características. A partir daí, chegamos ao levantamento de três tipologias recorrentes nos selos sob a temática do jornalismo, conforme descrição a seguir:

Jornalistas	Empresas de Comunicação	Menção Comemorativa
17 selos	4 selos	2 selos

Quadro 1 - Categorias dos selos emitidos no Brasil sobre jornalismo

Os selos pertencentes ao corpus da análise se distribuem, assim, em três categorias distintas - Jornalistas, Empresas de Comunicação e Menção Comemorativa -, sendo a primeira a mais representativa do ponto de vista quantitativo (18 selos ou 78% do total). Seguida de Empresas de Comunicação, com 4 selos (17%) e Menção Comemorativa, com apenas um selo (4%). As imagens relacionadas a veículos de imprensa remetem ao Diário de Porto Alegre (1977), ao Diário de Pernambuco (1985), Jornal do Brasil (1991) e aos 170 anos do Diário de Pernambuco (1995). O único selo que não traz a figura de um jornalista ou referência a veículos foi emitido em 1953, quando da realização do V Congresso Nacional de Jornalistas. Devido à representatividade, partiremos, agora, para a descrição analítica dos selos pertencentes à primeira categoria.

Categoria 1: Jornalistas

Os 17 selos que remetem a jornalistas foram emitidos entre os anos de 1948 e 1999. Entre os homenageados, expoentes da atividade jornalística no País, que figuram nas imagens, em sua maioria, em comemoração ao centenário de nascimento, conforme descrito no quadro abaixo:

Ano de Emissão	Nome do Jornalista	Motivo de Emissão
1949	Ruy Barbosa de Oliveira	Centenário de nascimento
1951	Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero	Centenário de nascimento
1953	José Carlos do Patrocínio	Centenário de nascimento
1958	Júlio Bueno Brandão	Centenário de nascimento
1962	Júlio César Ferreira de Mesquita	Centenário de nascimento
1962	Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva	Aniversário de falecimento
1968	Francisco Vieira Caldas Júnior	Centenário de nascimento



*1974	Hipólito da Costa	Centenário de nascimento
1974	Raul Paranhos Pederneiras	Centenário de nascimento
1981	Afonso Henriques de Lima Barreto	Centenário de nascimento
1982	Manuel Bastos Tigre	Centenário de nascimento
1986	Ernesto Simões Filho	Centenário de nascimento
1990	Lindolfo Leopoldo Boekel Collor	Centenário de nascimento
1994	Carlos Castello Branco	Centenário de nascimento
1992	Otto de Oliveira Lara Resende	Centenário de nascimento
1998	Rodrigo de Melo Franco	Centenário de nascimento
1999	Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo	150 anos de nascimento
1999	Ruy Barbosa de Oliveira	150 anos de nascimento

Quadro 2 - Jornalistas brasileiros rememorados em selos postais comemorativos emitidos no século 20.

O primeiro selo catalogado data de 1949 (Figura 3), e traz a efígie do jornalista e jurista Rui Barbosa, quando da ocasião do seu centenário de nascimento. Levando-se em conta que as representações, enquanto formas comuns de percepção e imaginação, formam a base das reações humanas aos acontecimentos e a estímulos (2003), pode-se associar a imagem de Rui Barbosa a um dos tantos estereótipos que povoam a figura dos jornalistas: paladino da justiça, que tem a busca da ‘verdade’ dos fatos como seu preceito ético.



Figura 3 - Centenário de Rui Barbosa

Os ramos de louro que envolvem o busto do homenageado parecem remeter à dimensão da importância que Rui Barbosa, como jornalista, teve na defesa ferrenha da abolição, da república e, em seguida, da liberdade de atuação diante do governo de Floriano Peixoto. Sobre os demais elementos visuais de constituição dessa imagem, deve-se destacar o valor-facial (cifra), Cr\$ 1,20, o nome do país emissor (Brasil) e as legendas (1849 – 1949, Rui Barbosa).

Uma vez abolida a escravatura, contra a qual centrou fogo através do seu *Diário da Bahia*, Rui Barbosa, ao lado de tantos outros expoentes do jornalismo brasileiro, funda o *A Imprensa*, em 1889, e assume a direção do *Jornal do Brasil* em 1893, advogando um “jornalismo livre, independente e ‘dentro da lei’” (BAHIA, 1990, p.118).



Barbosa também aparece em selo emitido em 1999 (figura 5) No mesmo ano, é emitido selo postal – com as mesmas características do que retrata Rui Barbosa – em homenagem a Joaquim Nabuco (figura 4).

O político, jornalista e abolicionista pernambucano abre “caminho para jornais dedicados à causa dos escravos” (BAHIA, 1990, p.113), liderando a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, criadora do jornal *O Abolicionista*, em 1880, que não dura pouco mais de um ano. Numa das cartas endereçadas à *British and Foreign Anti-Slavery Society* (Sociedade Britânica e Estrangeira Anti-Escravidão), anuncia que irá apresentar projeto de lei estabelecendo uma data limite para a abolição da escravatura:

Sei que tão largo prazo é uma exigência, mas é necessária. É o único meio de superar as dificuldades que ainda são muito grandes... Um prazo pré-fixado, como esse de 1º de janeiro de 1890, deixa tempo aos fazendeiros para preparar a grande evolução, e ao mesmo tempo desperta nos corações dos escravos uma esperança inestimável, de um preço infinito, que lhes tornará a vida cada vez menos árdua, a cada passo de tempo que os aproxima da sua liberdade (NABUCO, 1880, p.14)

O *Jornal do Brasil*, do qual é um dos fundadores, porta-voz de severas críticas à República recém-instaurada, é alvo, em 1891, de ataque a bala, com os invasores gritando por sua morte (BAHIA, 1990, p.117).

Os selos comemorativos a Rui Barbosa e Joaquim Nabuco se assemelham no formato retangular, nas cores, tipografias e disposição de elementos. Ambas trazem como imagem de fundo referências a escritos dos intelectuais. Os dois jornalistas, que foram contemporâneos e amigos, e que fisicamente eram bastante diferentes, acabaram se assemelhando nas imagens dos selos por conta, principalmente, do bigode e trajes:



Figura 4 - Selo em homenagem a Joaquim Nabuco



Figura 5 - Selo em homenagem a Rui Barbosa

O centenário de nascimento do jurista, filósofo, poeta, político e crítico literário Sílvio Romero (figura 6) é lembrado com um selo de 1951. Contemporâneo de Rui Barbosa, foi colaborador do *Diário de Notícias*, periódico dirigido pelo colega e editado em Salvador de 1885 a 1895, com linha editorial que abraçava o abolicionismo e, posteriormente, a república (BAHIA, 1990). É sob o pseudônimo de Feuerbach que



escreverá textos, na imprensa, posicionando-se contrariamente ao Império (RODRIGUEZ, 2003).



Figura 6 - Centenário de nascimento de Sílvio Romero

Sílvio Romero publica, ao final do século 19, obra que pode ser considerada como “um dos maiores equívocos da crítica literária brasileira (SCHNEIDER, 2005, p.40), através da qual critica duramente a linguagem de Machado de Assis, reconhecendo-o apenas méritos de estilo.

Assim como Rui Barbosa, a imagem de Romero remete à representação e, conseguinte, estereótipo, do jornalista como ator social que se insurge diante das mazelas e injustiças sociais. Em reforço a essa construção, figura a frase-motivo impressa no canto superior esquerdo: “Entusiasmo, Trabalho e Fervor pela humanidade.”

Imagem que envolve boa parte dos vultos jornalísticos do período retratado, já que a partir da segunda metade do século 19, com exceção de alguns veículos partidários à escravatura, “toda a imprensa [brasileira] tem atuação decisiva nos movimentos abolicionista e republicano” (BAHIA, 1990, p.113).

Essa visão, por vezes romantizada, do jornalista que é libelo da liberdade, também é retratada na imagem estampada no selo comemorativo aos 100 anos de José do Patrocínio, emitido em 1953 (figura 7). Considerado um dos maiores abolicionistas brasileiros – sendo filho de um vigário com uma escrava -, militou intensamente na imprensa em campanha ferrenha contra a escravatura (Gazeta de Notícias, em 1878; na Gazeta da Tarde, em 1881, e na Cidade do Rio , em 1887, da qual se tornou proprietário), com textos que reverberavam, em sua maioria, a favor da abolição da escravidão e da não existência de indenizações a senhores de escravos.



Figura 7 - Selo comemorativo aos 100 anos de José do Patrocínio

A imagem de Patrocínio é retratada, na tonalidade azul, com um jornal em punho, amparada pela figura etérea de um anjo. Com asas abertas, parece apoiar e inspirar o intelectual em sua trajetória abolicionista. Construção que não se aproxima, contudo, de alguns aspectos retratados em relatos biográficos, descrevendo-o também como homem de temperamento explosivo (COELHO, informação eletrônica). Mas que, numa leitura menos apressada, pode levar à inferência de que se trata – o anjo e suas asas – à menção da última grande e infrutífera paixão de Patrocínio: a de construir um avião. Conforme descreveu o amigo Olavo Bilac, em crônica de 1903:

(...) Patrocínio, naquele recanto apertado do Méier, dentro daquele barracão em que vive o seu sonho, enterrou a sua saúde, a sua mocidade, a sua vida – e o seu jornal! o seu jornal que era toda a sua glória, todo o seu passado, toda a sua alma! Para pôr em movimento aquele mundo, o criador aniquila-se e mata-se (BILAC in DIMAS, 1996, p.91)

Patrocínio rompeu com Sílvio Romero, após este escrever um artigo ofensivo aos abolicionistas e de teor racista, a quem revidou, classificando-o como “teuto-maníaco de Sergipe”⁷. Também ficou célebre a contenda que travou com Quintino Bocaiúva, também homenageado pelos Correios com um selo datado de 1962.

Em texto de 29 de outubro de 1888 (cinco meses após a publicação da Lei Áurea), destila sua fúria contra Bocaiúva, que o havia acusado de traição à República⁸:

O sr. Quintino Bocaiúva fez mal em editar as torpezas d’A Província de S. Paulo. Veio dar-me ensejo de justificar-me plenamente aos olhos dos meus concidadãos e de demonstrar que o vendilhão, useiro e vezeiro, é ele que se estreou na imprensa a defender uma companhia de seguros de vida de escravos, da qual recebia salário, e que não

⁷ Sílvio Romero foi taxado de ser portador de uma *teuto-mania* por sua predileção ao idioma e filosofia germânicos, bem como pela admiração que nutria por Tobias Barreto – entusiasta da língua e tradições filosóficas alemãs.

⁸ Por conta de sua postura contrária à aliança de alguns republicanos com ex-senhores escravos, que exigiam indenizações (COELHO, informação eletrônica)



passava de uma vergonhosa armadilha à ingenuidade dos senhores.
PATROCÍNIO, 1996, p.255).

Quintino Bocaiúva, que à época dirigia o *A Província*, tem selo emitido em memória aos cinquenta anos de sua morte:



Figura 8 - Cinquentenário da morte de Quintino Bocaiúva

Os elementos verbais escolhidos para ilustrar a peça e descrever o jornalista o classificam como “Patriarca da República” e “Príncipe do Jornalismo”. Retratado em estilo bico de pena, Bocaiúva aparece em primeiro plano, com perfil destacado em desenho vertical – o que contribui para o destaque do seu perfil esguio e longilíneo. As designações das frases-motivo (SALCEDO, 2010) ou legendas são as únicas ‘pistas’ para identificar o nome do homenageado e a sua profissão.

Apesar de forte atuação política, tendo sido Presidente de Estado (Rio de Janeiro) e ministro da República, é como jornalista defensor da causa republicana que Bocaiúva salta à história. Como ressalta Silva (1982, p.102), e reforçando a imagem do jornalista que luta em prol de uma causa (que marcou o estereótipo jornalístico do final do século 19 e aparece nos selos presentes nesta análise), o “príncipe e patriarca” teve “uma vida dedicada exclusivamente ao serviço da Pátria e ao regime” – para vir a uma velhice “desprovida de recursos materiais”.

Uma das imagens que se destacam pela peculiaridade, entre as identificadas no corpus, é a do selo em comemoração ao centenário do jornalista Lindolfo Leopoldo Boekel Collor. O destaque não se dá necessariamente pelos elementos verbo-visuais contidos na peça, ou na imagem dos jornais em que atuou ou fundou, mas especialmente na dimensão simbólica e contextual deste selo. Isso porque foi emitido em 1990, justamente durante o primeiro ano do governo do presidente Fernando Collor, de quem era avô.



Figura 9 - Centenário de nascimento de Lindolfo Collor

Considerações finais

Classificar um grupo de pessoas ou uma atividade profissional, mais do que encontrar uma maneira de condensar numa breve descrição todo o arsenal de representações acerca desses objetos, configura-se na escolha de “um dos paradigmas estocados em nossa memória” (MOSCOVICI, 2003, p.63) com o objetivo de “estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”.

Observamos, neste estudo, que uma das representações do Estado acerca do jornalismo, através da emissão de selos postais alusivos à temática, concentra a construção de sentidos por intermédio da figura do jornalista – mais do que a própria imprensa (por intermédio dos veículos de comunicação) e de eventos de vulto.

Caso se leve em consideração que a idéia da classificação, da descrição de uma classe (como a jornalística), acaba proporcionando “um modelo ou protótipo apropriado para representar a classe e uma espécie de foto de todas as pessoas que supostamente pertençam a ela”, pode-se propor que esse modelo ou estereótipo do jornalista retratado nos selos postais brasileiros condensa algumas características recorrentes e que podem ser avaliadas como ‘positivas’.

Os 17 selos analisados prestam homenagem a jornalistas que são: homens; que atuaram em veículos de destaque; militaram na imprensa em prol de grandes causas; dirigiram ou fundaram jornais de grande representatividade no Brasil e que, ainda, estão fortemente associados a um histórico de erudição, intelectualidade, alta cultura e, em casos como o de Rui Barbosa, mesmo à genialidade.

A ideia de um jornalismo combativo e defensor de causas, uma leitura que pode advir do breve resgate biográfico dos jornalistas que tiveram suas histórias eternizadas em selos, apresenta uma dissociação com as preconizadas imparcialidade e objetividade da práxis jornalísticas.

Contudo, parece também se aproximar do senso comum, do “universo consensual” (MOSCOVICI, 2003) em torno da identidade profissional e pessoal do jornalista. Apesar de sempre “contraditória” (RIBEIRO, 1994, p.165) e historicamente



ocupando espaços pouco privilegiados na esfera das profissões (TRAQUINA, 2004), ainda conserva alguma associação com o imaginário ‘romântico’ que envolve a atividade. A do estereótipo do repórter infatigável, 24 horas em alerta, que não se furta a sacrificar a vida pessoal em nome de uma grande e nobre causa social.

Referências

BAHIA, Juarez. *Jornal: História e Técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia. (Orgs). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: INTERCOM, 2005. p. 102-111.

BILAC, Olavo. José do Patrocínio. In: DIMAS, Antônio (org). *Vossa Insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COELHO, L.F.S. *A Campanha Abolicionista: José do Patrocínio*. Disponível em <http://omnis.if.ufrj.br/~coelho/campanha_abolicionista.html>. Acesso em 29 de abril de 2010.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GAGNEBIN, J.-M. O que significa elaborar o passado? In: PUCCI, B. et al (Org.). *Tecnologia, cultura e formação, ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003.

ECO, Umberto. *A Misteriosa Chama da Rainha Loana*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACHADO, Paulo Sá; QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Dicionário de Filatelia*. Lisboa: ASA, 1994.

MEYER, Peter. *Catálogo de selos do Brasil 2008*. 56. ed. São Paulo: RHM, 2008.

_____. *Os selos jornais sobre-estampados*. 2009. Disponível em: <www.oselo.com.br>.

MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NABUCO, Joaquim. *Carta aos abolicionistas ingleses*. Acervo Digital Fundaj. Disponível em <<http://books.google.com.br>>. Acesso em 29 abr. 2010.

PATROCÍNIO, José do. *A Campanha Abolicionista*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1996.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre alerta. Condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho D'Água, 1994.

RODRIGUÉZ, Ricardo Velez. *Sílvio Romero: o homem e a sua obra*. Disponível em <<http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/romero/introd.htm>>. Acesso em 29 abr. 2010.



SALCEDO, D. A. Lacunas na Arquivologia contemporânea: uma perspectiva da Filatelia. *Arquivistica.net*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 104-113, 2006. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net>>.

_____. Filatelia e memória: pequenos embaixadores de papel. In: VERRI, Gilda Maria Whitaker. (Org.). *Registros do passado no presente*. Recife: Bagaço, 2008. p. 155-195.

_____. A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000. 2010. 82 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero: Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

SILVA, Ciro. *Quintino Bocaiúva, o patriarca da República*. Brasília: Ed. da UnB, 1992.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.